

Editorial

O silêncio de Deleuze

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira¹

Marca-se encontro com a amizade, sem as presenças do entendimento, do debate ou da crítica. No seu início, na sua fonte, somente o charme a sinaliza. Com um gesto, lhe é dada a partida, irrompendo com signos o campo perceptivo de uma atenção, prontamente atenta para captá-los. A partir daí, as horas passam em companhia de alguém, sem mesmo se saber exatamente por qual motivo. Deleuze, nessa conversa sobre a amizade, aproveita para homenagear a sua com Félix Guattari e a compara com a de “Bouvard e Pécuchet”. Ele e Guattari são capazes de trocar frases atraentes aos dois, como “temos a mesma marca de chapéu”; para em seguida retomarem os seus acentos filosóficos e viajarem na busca enciclopédica de reunir todos os saberes.

Mas não é como amigo que Deleuze se aproxima dos filósofos. O que se admira nos amigos não é necessariamente o mesmo que nos filósofos. Nos amigos, o mais admirável é não saber exatamente qual é o motivo da aproximação. Nos filósofos, o que atrai é a afinidade que eles são capazes de nutrir com um tipo de problema. E, se Deleuze considera a filosofia como criação de conceitos, é justamente porque com eles se recobrem problemas (PARNET, 1996).

Veja-se o seu interesse por Kant. Mesmo não lhe sendo um pensador próximo, Deleuze admira a sua personagem conceitual². Sucedendo a outros filósofos e seus personagens, como advogados e investigadores, Kant se recria como juiz, e no tribunal encena as falas do novo personagem da filosofia. E seu fascínio por esse aparente inimigo filosófico aumenta, quando num gesto de

¹ Doutor em Filosofia pela PUC/RJ. Professor do PPG/UNIGRANRIO, Humanidades, Culturas e Artes. Professor da graduação da UNIGRANRIO/RJ E UNIFESO/RJ. E-mail: jhumberto@uol.com.br

² Sobre o personagem conceitual cf. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991.

audácia, ele interrompe, na sua terceira crítica, o juízo harmonioso entre as faculdades. A imaginação acirra as suas divergências com a razão e o entendimento, e sem a possibilidade de negociarem qualquer acordo no tribunal, as três faculdades se lançam em sublime e permanente disputa entre si. “Toda a filosofia moderna veio daí, de que não era mais o tempo que provinha do movimento e, sim, o contrário.”

Até Kant, o tempo dependia do movimento. A partir da sua criação conceitual, ele desloca o tempo da sequência espacial. Kant, como um cineasta moderno, transformou a imagem-movimento, como a dos filmes de ação, em imagem-tempo, como um inspirador de Bergman. Com horror e fascínio, Deleuze aproxima-se do filósofo alemão, lembrado não só pelo seu método crítico, mas também por seus hábitos metódicos. Reza a lenda que os passeios pontuais de Kant pelas ruas de sua cidade natal Königsberg, de onde nunca se ausentou, tornaram-se referência para se acertarem as horas dos relógios. A vida regrada e acompanhada de pensamentos inquietos é também motivo para Deleuze se aproximar do filósofo alemão. Afinal de contas, para Deleuze, os filósofos são criaturas com hábitos. E hábitos não faltaram a Kant. Thomas de Quincey conta que o engenhoso pensador inventou um aparelho para levantar as suas meias e calças, quando elas o incomodassem. Todas essas particularidades, Deleuze as encara como próprias do charme de Kant. Caso eles dialogassem como amigos, juntos ririam desses detalhes, encantadores apenas para quem assim os percebem. (PARNET, 1993)

Nada melhor do que um amigo para nos acompanhar em nossas dúvidas e incertezas. O texto sobre Deleuze, de Cleber Andrade, enuncia esse conselho para, em seguida às suas confissões, mostrando-se inseguro e inquieto, propor ao seu leitor tornar-se seu amigo nessa aventura. Entre o que escreveu, sobre as suas leituras do filósofo, e como será lido, o autor espera que se ative o exercício do diálogo. Condição que o faz de imediato rememorar a filosofia nos diálogos platônicos.

Logo Platão que, na leitura de Deleuze, pratica um tipo seletivo de conversa. Ele é detentor da verve filosófica que quer alertar o seu interlocutor para não se enganar com os que postulam falsas pretensões. Os sofistas, por

exemplo, nos diálogos platônicos, são o dileto alvo de falsos pretendentes à filosofia. Isso quer dizer que, por mais que o interlocutor esteja sendo amistosamente convidado para dialogar, lhe cabe sempre reservar uma dose de desconfiança sobre as estratégias que tentam segurá-lo.

O filósofo convidado para conversar visa com desconfiança o diálogo. Ele reclama que, nessas trocas de questionamentos, nada acontece para o pensamento. A criação do problema inibe-se com essas convenções de salão. E, se por acaso, se vir numa circunstância semelhante e alguém lhe dirigir qualquer objeção, Deleuze confessa “ter vontade de dizer: ‘Está certo, está certo, passemos à outra coisa’. As objeções nunca levaram a nada”, ele conclui (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 9)

. O que também o aborrece é ter que voltar-se para a história, com o tempo amarrado ao movimento, para indagar o que não foi feito ou o que se deverá fazer. Ele diz que os devires são intensidades sem intenções. Não é preciso, portanto, ser mulher, com seu passado e futuro, para devir mulher. Do mesmo modo, para ele, “há um devir filósofo que não tem nada a ver com a história da filosofia e passa antes, por aqueles que a história da filosofia não consegue classificar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10)

Faltou-lhe a seriedade de historiador da filosofia para com Hegel e Marx, cutuca o autor que quer conversar sobre Deleuze. Juntando-se a Platão, os outros dois filósofos formam o trio dialético. Nenhuma surpresa, portanto, com quem os desdenha. Além do mais, Deleuze não pode ser perpetuado no lugar de onde para ele emite a voz do repressor. “A história da filosofia sempre foi o agente de poder na filosofia, e mesmo no pensamento. Ela desempenhou o papel de repressor: como você quer pensar sem ter lido Platão, Descartes, Kant e Heidegger, e o livro de fulano ou sicrano sobre eles?” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 21)

O convite para conversar sobre Deleuze está de pé, e vale a pena aceitá-lo. Mas, se fosse possível convidar o próprio para opinar sobre a conversa, temo pelo desapontamento. Ele responderia às objeções que lhe são postuladas: “Está certo, está certo, passemos à outra coisa”; ou então, ficaria em silêncio, o que hoje, com certeza, lhe é mais conveniente.

Referências

DELEUZE, G.; PARNET. C.. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. Entrevista a Claire PARNET. Realização de P. A. Boutang. Paris: Vidéo Edition Montparnasse, 1996. 3 DVDs.